

CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA NIETZSCHIANA DO ETERNO RETORNO PARA (RE) PENSAR A RELAÇÃO HOMEM COM A 'CRISE' ECOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

Mateus Perez Jorge

Graduado em História (UDESC) e mestrando em Filosofia (Programa de pós-graduação em Filosofia/UFSC.)

Apresentação:

Tendo como principal objetivo desta comunicação propor uma apresentação preliminar da nossa pesquisa em vigor cujo tema é o conceito sobre o eterno retorno desenvolvido pelo filósofo Frederico Nietzsche, procuramos utilizar deste uma aproximação para uma reflexão mais aprofundada sobre o problema contemporâneo sobre a ecologia partindo da problemática relação existente entre homem e seu meio. Diante deste pressuposto colocado, devemos deixar explícito em primeiro lugar uma definição precisa sobre o significado do conceito 'eterno retorno' para relacionarmos sua implicação ética sobre a existência e o problema contemporâneo da questão relativa a crise ecológica.

A fim de uma melhor compreensão sobre esta questão relacionada ao pensamento contemporâneo sobre a ecologia desde uma perspectiva vitalista presente na filosofia do eterno retorno como conceito fundamental contra sua crítica ao modelo desenvolvimentista baseado na técnica e no cientificismo racional é necessário delimitar uma conceituação sobre o eterno retorno. Portanto, para destrinchar esta questão, precisamos em primeiro lugar compreender o lugar do conceito filosófico do eterno retorno nietzschiano no projeto crítico de sua filosofia contra o modelo moderno baseado no paradigma filosófico alicerçado pelo tecnicismo e o desenvolvimento incessante que certamente o conceito do eterno retorno nietzschiano é uma das formas mais radicais de criticar o modelo de avanço técnico ocidental. Assim sendo, como forma de levantar a questão candente atual que se trata sobre o problema da relação homem-mundo, é preciso considerar o conceito do eterno retorno como uma crítica ao

modo como a vida e hábito moderno é incorporado na cultura e também uma crítica fundamental ao princípio teleológico que norteia a cultura moderna projetando um futuro promissor no mundo contemporâneo.

Com isto, procuramos propor neste breve ensaio, abrir possibilidade para refletir algumas questões vinculadas ao problema complexo circunscrito entre homem e seu meio habitat que passa por questões que levam em consideração desde o debate contemporâneo sobre a existência de uma possível crise ecológica até chegarmos a questão fundamental que se refere ao modo como o homem do ocidente tem de encontrar uma solução para esta questão não a partir de projetos desenvolvimentista que visam aliar desenvolvimento do capitalismo e a preservação do meio, mas repensar a questão desenvolvimentista a partir de bases éticas para a reflexão sobre o problema entre homem e seu meio. Trata-se de pensarmos um problema contemporâneo na perspectiva de um pensamento de fundo filosófico que tem como propósito central provocar o indivíduo e o homem diante da relação que mantém com o mundo basicamente marcado por uma relação de sujeição do mundo natural ante os seus próprios projetos de futuro. Assim sendo, diante de uma realidade dramática e vertiginosa, a de uma devastação ambiental em proporções catastróficas e iminente, com a presente reflexão, procuramos apresentar a problemática relação homem com seu meio a partir de uma problemática existencial, a fim de discuti-la dentro de um *evoluir* histórico conturbado; marcado por subordinações e a eliminação da diversidade ecológica sem outro paralelo na história da civilização nos últimos séculos, mas que esconde por trás disto, a reprodução do mesmo modo de relação entre homem e meio.

Em vista desta proposta de reflexão colocada, é necessário delimitarmos os limites e alcances que o conceito do eterno retorno possui para então encaminharmos nossa discussão para uma problematização maior sobre a relação do homem com a ecologia. Em primeira vista, parece ser uma aproximação conturbada e difícil de compreensão ao procurarmos relacionarmos o problema existencial presente no conceito sobre o eterno retorno e a questão ecológica e ambiental. Porém, esta aproximação será mais bem compreendida na medida em que deixarmos claras a implicação ética deste conceito e a possibilidade desta implicação incitar uma mudança de postura definitiva no homem sobre o mundo que o envolve.

* * *

A apresentação do conceito fundamental nietzschiano por Nietzsche sobre o eterno retorno surgirá pela primeira vez na sua obra publicada em *Gaia Ciencia* no aforismo §341, onde um demônio aparece no silêncio de um personagem e desenvolve o pensamento do eterno retorno procurando incitar uma reação deste personagem diante da possibilidade real deste poder reviver sua mesma vida infinita vezes, tal como se apresenta nesta reflexão:

O maior dos pesos – e se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma seqüência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo.”¹

Neste primeiro trecho sobre o desenvolvimento deste pensamento, percebemos que Nietzsche por meio do personagem demônio procura incitar que o homem diante a tal possibilidade tome uma decisão definitiva se aceita e deseja reviver infinitamente a mesma vida ou não. Como é possível observar, uma das questões que está presente dentro desta reflexão da filosofia nietzschiana tem relação direta com a reação do homem diante da possibilidade do eterno retorno cíclico da vida que traz em si uma problematização profunda sobre como o homem tende levar sua vida. Como vêm esclarecer Scarlett Marton ao comentar o texto nietzschiano §341 de *Gaia Ciência* esta vem acrescentar que “a formulação hipotética (...) neste aforismo, talvez nos levasse a sublinhar o significado da doutrina nietzschiana do eterno retorno no contexto da experiência humana.” Até “houve quem acreditasse que ela consistiria num teste psico-espiritual para avaliar nossas atitudes e sentimentos em relação à nossa própria vida. Querer a repetição eterna de todas as coisas implicaria não só viver de novo o que se escolheu, mas ter de viver outra vez o que não se quis.”² Ou seja: o homem diante da possibilidade cíclica do eterno curso circular teria de aceitar ou não esta possibilidade que é lançada para que ele possa ou não desejar o eterno retorno da mesma vida. Em vista desta hipótese desenvolvida no pensamento de *Gaia Ciencia* no aforismo §341, na seqüência da segunda parte do deste pensamento, Nietzsche por meio do demônio questiona qual decisão que o personagem deve tomar diante desta possibilidade:

¹ Cf. NIETZSCHE, F. §341, *Gaia Ciência*.

² Cf. MARTTON, S. 1998, p. 137,138.

Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, 'você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?', pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação e chancela?³

Como podemos observar, para que o homem possa aceitar a possibilidade colocada pelo demônio, seria preciso que este homem precisasse estar de tal modo bem consigo mesmo para que pudesse “*desejar nada* além dessa última eterna confirmação e chancela”. Sendo assim, deveríamos questionar o que tornaria propício tal bem estar consigo mesmo a ponto de desejar uma hipótese terrível como esta? Para aprofundarmos uma questão como esta é preciso estar a par de outros desenvolvimentos relativos aos projetos sobre o pensamento do eterno retorno registrados nos *fragmentos póstumos* que auxiliará uma compreensão maior sobre o termo em questão para termos condições de pensarmos sua implicação ética e a relação do homem com o mundo.

Sendo assim, é preciso estamos ciente que durante o período de elaboração e desenvolvimento da tese do eterno retorno presente entre os anos de 1881 a 1884 (somente esporadicamente encontramos algumas reflexões nos anos seguintes.) em seus projetos sobre este pensamento registrados como fragmentos póstumos. Em um dos projetos mais expressivos sobre este pensamento, observamos que Nietzsche desenvolve uma reflexão que relaciona o pensamento do eterno retorno como possibilidade para efetivar a transvalorização de todos os valores fecundados a partir do legado da tradição humanista. Será em vista deste projeto intitulado como ‘*retorno do mesmo*’ que Nietzsche irá propor o pensamento do eterno retorno como o *novo peso*; ou seja, uma nova forma de seguir na vida mediante uma conduta humana que passe a sobrepesar um novo modo de conceber e pensar a existência a partir do pensamento do eterno retorno. Mediante a isto, o pensamento do eterno retorno é planejado neste primeiro projeto como *retorno do mesmo* inicialmente para pensar a implicação ética da condução humana na história dentro do paradigma deste novo peso, como o intitula a seguir:

³ Cf. NIETZSCHE, F. §341, Gaia Ciência.

Projeto

1. *A incorporação dos erros fundamentais*
2. *A incorporação das paixões.*
3. *A incorporação do saber e do saber que pode renunciar.* (Paixão do conhecimento.)
4. *O inocente. O indivíduo como experimento. O aligeiramento da vida, degradação, enfraquecimento – transição.*
5. *O novo peso mais pesado: o eterno retorno do mesmo.* Infinita importância de nosso saber, de nossos erros, de nossos hábitos, de nossos modos de vida para tudo o que vier. O que fazemos com o *resto* de nossas vidas – nós que passamos a maior parte de nossas vidas na mais essencial ignorância. Nós ensinamos a doutrina – esse é o meio mais forte de nos incorporarmos a nós mesmos. Nosso tipo de bem-aventurança, como mestres da maior doutrina.

Começo de Agosto de 1881 em Sils-Maria, seis mil pés acima do mar e muito além de todas as coisas humanas!⁴

Martin Heidegger como um de seus principais comentadores da obra nietzschiana desenvolve uma interpretação fundamental para melhor compreendermos a totalidade do projeto nietzschiano sobre o pensamento do eterno retorno não podendo ficar de lado de nossas reflexões sobre a temática. Em vista disto, como bem observado por este comentador, podemos perceber que

o título do ‘projeto’ aponta, logo em seguida para a totalidade. E, no entanto, só se fala do eterno retorno no n.5 – e mesmo nesse caso não se diz nada sobre o seu conteúdo, nem mesmo sob a forma de esboço. A palavra diretriz do projeto é muito mais ‘a incorporação’. A doutrina é denominada ‘a maior doutrina’ e ‘o novo peso mais pesado’. Em seguida, temos a questão repentina: ‘O que fazemos com o *resto* de nossas vidas?’ De acordo com os termos dessa questão, trata-se aqui de uma cesura decisiva na vida, uma cesura que separa o até aqui (transcorrido) do ‘resto’ que ainda permanece. O corte é manifestamente provocado pelo pensamento do retorno, um pensamento que tudo transforma. O que se acha antes dessa cesura e o que lhe segue não se encontram, porém, divididos quantitativamente. O precedente não é rejeitado⁵

Como bem apontado por Heidegger, este projeto pode nos esclarecer muito sobre ‘conteúdo’ da tese sobre do eterno retorno nietzschiana, porém, ele lança luz sobre alguns pontos não apresentados na publicação inédita sobre este pensamento no aforismo 341 de *Gaia Ciencia* na medida em que este ‘projeto’ inicial sobre o pensamento central nietzschiana faz o eterno retorno emergir do humanismo ao colocar posterior a incorporação do pensamento do eterno retorno como a direção norte deste

⁴ Apud. HEIDEGGER, M. 2007, p.255.

⁵ Cf. HEIDEGGER, M. 2007, p.255.

pensamento a partir da incorporação de certos valores humanistas oriundos a partir dos *erros fundamentais*. Estes erros, fundados a partir da tradição platônica alicerçada sob a crença em ideais platônicos e em além-mundos trouxeram consigo as *paixões* e todo o saber advindo da tradição ocidental cunhado sob a égide do paradigma platônico. Nesse sentido, se o pensamento do eterno retorno tem sua origem a partir do desenvolvimento do humanismo ocidental a sequência do projeto colocando este pensamento em último ponto tende a mostrar que o modo de pensar ocidental baseado na crença em ideais outrora ligados ao cristianismo como a promessa de redenção escatológica continuam em vigor a partir de ideais modernos fundado sob a crença no igualitarismo que não seria nada além do que um desdobramento da tradição cristã. Neste sentido, podemos notar que o que origina o pensamento do eterno retorno são valores vindos a partir da incorporação de concepções errôneas de mundo oriundos do platonismo, paixões e dos saberes adquirido a partir da propagação do cristianismo no ocidente.

Mas a fundamentação deste projeto do eterno retorno vinculado nesta época a um projeto a transvalorização dos valores ocidentais deve se basear também em outros três projetos que procura desenvolver a relação entre o impacto ético deste pensamento como uma possibilidade iminente e o desenvolvimento conceitual deste a partir de uma abordagem voltada à cosmologia deste pensamento. Neste sentido, o segundo projeto como bem observado por Heidegger, não tem nenhum um título e não faz parte do projeto apresentado em relação ao anterior. Este aponta para uma relação entre o homem a possibilidade cosmológica do retorno. O aspecto marcante neste próximo registro tem relação a sua implicação ética para a existência do indivíduo que lida com a possibilidade do eterno retorno:

Seria terrível se ainda acreditássemos no *pecado*. Mas não importa o que façamos, se nós o repetirmos inúmeras vezes, ele será *inocente*. Se o pensamento do eterno retorno de todas as coisas não te subjugar, ninguém tem culpa nisso: e não há nenhum mérito se ele o fizer. – Sempre julgamos os nossos procedimentos de maneira mais amena do que eles julgaram a si mesmos, nós nos afligimos em relação a seus erros incorporados, não em relação ao caráter mau.⁶

Esta anotação póstuma sobre o eterno retorno ajuda-nos entender o tópico IV do projeto *Retorno do mesmo*. Como podemos observar, esta anotação vêm do período em

que Nietzsche está desenvolvendo suas reflexões sobre a morte de Deus ainda em 1881 que ao dar o diagnóstico sobre a morte de Deus, lança luz para o advento de uma nova moral não mais marcada pelo signo da culpa e do pecado, traços característicos do Deus moral ocidental. Como diz no item IV do projeto anterior, *Retorno do mesmo*, “*o inocente: o indivíduo como experimento: O aligeiramento da vida, degradação, enfraquecimento – transição.*” este item aponta para a ideia da constatação da morte de Deus que levaria a um processo de transição a partir da desvalorização dos valores supremos. A consequência da morte do Deus moral traz por consequência, a transmutação do pecado e da culpa possibilitando a partir daí, transformar a relação do homem com o devir em uma relação de inocência: a partir daí, este homem não mais preocupado com o futuro, passaria de agora em diante poder viver sua vida sob a prerrogativa da afirmação do agora. Outro apontamento igualmente importante que data do mesmo período em que traz esta última anotação destaca outro aspecto presente dentro do pensamento do eterno retorno com fundamental importância para nossas reflexões sobre o pensamento abismal:

1. *O conhecimento mais poderoso*

1. As opiniões e erros transformam o homem e lhe dão os impulsos, ou: os erros incorporados.
2. A necessidade e a inocência.
3. O jogo da vida.⁷

Dentro deste pequeno projeto apresentado no mesmo período dos outros anteriores refere-se a três termos essenciais que apontam em direção a incorporação de uma nova concepção de mundo baseado na crença de um mundo sem fundamento e sem a necessidade de chegar a um objetivo que representa em sua essência o próprio ‘jogo da vida’ presente em um homem que passasse a ver o eterno retorno como uma oportunidade para transmutar os valores ligados a uma ética cristã. Neste sentido, este segundo projeto podemos compreender o modo como o homem passa a compreender o

⁷ “Esse projeto fornece-nos, concomitantemente, indicações em um outro aspecto: 'a necessidade' não tem em vista, aqui, uma necessidade qualquer, mas sim a necessidade do ente na totalidade. 'O jogo da vida' lembra-nos imediatamente uma sentença de Heráclito (...) 'O Aion é uma criança brincando, jogando em um tabuleiro; é a uma criança que pertence o domínio' (a saber, o domínio sobre o ente na totalidade). Com isso se insinua que o ente na totalidade é transpassado de maneira dominante pela inocência. (...) Ela visa ao todo do mundo, mas simultaneamente como tempo, e, por meio dele, como ligado à nossa 'vida': ela visa ao próprio curso da vida. Costuma-se determinar a significação da seguinte forma: *aion* designa o 'tempo' do 'cosmos', isto é, da natureza que se movimenta no tempo medido pela física.” HEIDEGGER, M. 2007, p257,258.

pensamento do eterno retorno como um pensamento que seria antes de qualquer coisa oriundo da própria vida e que esconde por trás desta origem, a presença da necessidade do caos e da desordem como aspectos indissociáveis e necessários que impulsionam o ‘jogo da vida’ continuar a existir. O que devemos prestar atenção neste ponto é que o pensamento do eterno retorno se desenvolve no pensamento nietzschiano a partir de uma crença por muito tempo acalentada relacionada à ideia de que certas formas de crenças e opiniões tendem a influenciar o comportamento humano de tal modo que tendem a mostrar ao homem o valor insuperável que a vida tem usufruindo de sua grandeza ou então denunciar o comportamento humano até ali como um comportamento baseado em crenças errôneas que somente podem ser denunciadas por meio da incorporação do pensamento do eterno retorno.

Nesse sentido, é bem representativo que o pensamento do eterno retorno como outra forma de afirmação sobre a vida passe também a ser compreendido como caminho para encontrar uma nova vida baseado em concepções de mundo que na essência são anti-cristãs, anti-metafísicas mas fundamentalmente anti-teleológicas, como podemos verificar nos dois últimos projetos sobre o eterno retorno datado da mesma época:

Meio-dia e eternidade.

Acenos para uma nova vida

O sol do conhecimento acha-se uma vez mais no meio-dia: e a serpente da eternidade está enrolada em sua luz -: chegou a *vossa* hora, ó irmãos do meio-dia⁸.

Esta anotação também de Agosto de 1881, direciona o projeto do eterno retorno como possibilidade para uma nova vida depois que este pensamento for incorporado no homem. Como podemos observar, esta anotação estará presente na obra prima *Assim falou Zaratustra* quando no final da primeira parte do livro Zaratustra irá dizer:

O grande meio-dia será quando o homem estiver na metade de seu trajeto, entre o animal e o super-homem, se mantiver firme, como sua esperança suprema, e festeja seu caminho para o acaso, porquanto será o caminho para uma nova manhã.

Então o que declina se abençoará a si mesmo por estar passando para outra esfera. E o sol de seu conhecimento atingirá seu zênite. ‘Todos os deuses morreram. Agora queremos que viva o além do homem’. Que seja o grande meio-dia, nossa última vontade! Assim falava Zaratustra.⁹

⁸ Cf. In. HEIDEGGER, M. 2007, p.

⁹ Cf. NIETZSCHE, F. 2006, I, p.64.

Portanto, este grande meio-dia será o ponto em que o sol¹⁰ alcança seu maior grau de elevação, dividindo a manhã e a tarde, podendo ser compreendido como um ponto de decisão que o homem pode tomar que se escolhe entre continuar a reproduzir os velhos hábitos baseados numa ética cristã ou então se engajar na nova vida. Mas que nova vida seria isto que Nietzsche procurou apontar? Em que ela deveria estar baseada a partir de então? Em um quarto projeto também da mesma época em que redige o eterno retorno esta questão é mais bem elucidada quando Nietzsche passa a relacionar a questão do eterno retorno à um novo modo de ver o mundo a partir do que chama como *desumanização da natureza e incorporação das experiências*. O título deste projeto “Para o ‘projeto’ de um novo modo de viver¹¹” aponta em direção aquilo que Nietzsche tinha chamado como nova vida:

Livro I: 'Da desumanização da natureza'.

Livro II: 'Da incorporação das experiências'

Livro III: 'Da derradeira felicidade do homem solitário'.

Livro IV: '*Annulus aeternatis*'.¹²

A grande questão presente neste registro aponta para um esforço nietzschiano em excluir de seu programa de crítica filosófica sobre a racionalidade filosófica e científica a partir de uma ação de ‘desumanização da natureza’ por meio dos outros planos: a *incorporação das experiências* para que o homem encontre sua derradeira

¹⁰ Cf. Como comenta também Martin Heidegger, “sobre a hora do meio-dia, uma vez que o sol se acha no ponto mais elevado e as coisas não possuem qualquer sombra.” p.258.

¹¹ Cf. In. HEIDEGGER, M. 2007, p. 261,262. Como também comenta Heidegger, “um quarto projeto que também pertence ao mês de Agosto de 1881 mostra que precisamos entender a 'nova vida' dessa forma: Ele é intitulado: 'Para o 'projeto' de um novo modo de viver', e é dividido em quatro livros, dos quais agora só são nomeados os títulos característicos.

¹² Cf. Op. Cit. Heidegger também comenta esta passagem, procurando expressar que a partir do ano de 1881, não haveria nada de novo sobre a reflexão sobre o pensamento do eterno retorno: “O que salta aos olhos de tudo nesses quatro projetos que surgiram em pouco menos de um mês e o que conseguimos apreender de maneira aproximativa em primeiro lugar é a riqueza de visadas que se abrem em regiões essenciais de questionamento sempre novamente mencionadas, uma riqueza que obriga Nietzsche a lançar um olhar projetivo em um âmbito no fundo uniforme e talvez simples a partir de aspectos constantemente renovados. (...) Se há algo assim como um catástrofe não consiste em que eles fracassam e não conseguem seguir adiante, isto é, se deixam determinar pelo efeito mais imediato de seu pensamento, que nunca é senão um efeito nefasto. O fatídico é sempre apenas o seguir 'adiante', ao invés de permanecer atrás, na fonte do próprio início. No futuro, a história da filosofia ocidental precisará vir a ser apropriada segundo esse ponto de vista. Daí podem surgir descobertas muito curiosas e instrutivas.

felicidade. O livro IV esclarece para nós o sentido que tem os seus projetos sobre o ‘eterno retorno’ que tem uma relação indireta ao *ano da eternidade*, isto é; incorporar o devir ou como também podemos entender a concepção de eternidade trazida para o mundo de fato. Assim sendo, um homem que fosse capaz de desejar viver a mesma vida infinitas vezes teria condições de observar o mundo sob outro enfoque na medida em que este estiver vivendo sua existência sob a prerrogativa da afirmação do *agora*. É aqui que o impacto ético da questão do eterno retorno adquire importância no projeto nietzschiano de combater a tradição filosófica baseado em certo dogmatismo científico. Certamente todos estes projetos que se vinculam ao conceito do ‘*eterno retorno*’ procuram apontar para sua implicação ética para o modo como o homem conduzirá sua vida e, sendo assim, um indivíduo capaz de desejar viver infinitamente uma mesma vida significa dizer que em um determinado momento de sua vida esta pessoa irá desejar reviver toda sua vida naquele exato instante em que o pensamento do eterno retorno surgir como possibilidade efetiva para sua vida.

Portanto, o sentido que o pensamento do eterno retorno adquire no pensamento filosófico de Nietzsche tem uma profunda relação com uma determinada ética sobre a vida. Se acrescentarmos a isto as concepções relativas aos valores cristãos, o pensamento do eterno retorno ao levar em conta a incorporação das experiências passadas quer mostrar que a condição para que o homem passe não somente a aceitar a possibilidade da repetição da mesma vida, mas também a de desejá-la na medida em que este indivíduo passe a querer viver aquilo que não quis viver podendo, a partir daí, livrar-se do remorso e do ressentimento em relação ao passado. Certamente, o eterno retorno ataca frontalmente as bases da ética cristã na medida em que este pensamento incita a que o indivíduo passe a querer reviver a mesma vida a partir da afirmação do agora. Também poderíamos dizer que este pensamento, expressado não somente nos projetos através dos registros póstumos, mas também em algumas passagens de *Zarathustra* aponta este pensamento como uma *oportunidade* de transformação da relação entre homem-mundo ou, também assim desejarmos; uma nova relação entre homem e vida baseado em uma perspectiva de vitalismo ascendente.

Tendo em vista que o conceito do eterno retorno é mais um ataque aos valores incorporados nas instituições ocidentais do que um projeto que procura se legitimar por meio de uma justificativa científica através do desenvolvimento cosmológico presente nas anotações póstumas, podemos entender que o conceito do eterno retorno é uma crítica fundamental ao modo como o homem tratou com a vida, baseado numa relação

negativa com esta. A afirmação do eterno retorno é, por fim, a afirmação da vida e, portanto, o eterno retorno enquanto um pensamento originado sob a esteira do acontecimento fundamental do século XIX, a saber; a morte de Deus também passa a ser compreendido como um novo paradigma de pensamento e, portanto, uma nova medida de valor sobre a existência com condições de avaliar quais seriam aqueles valores que estariam a favor da vida do homem ocidental.

Neste sentido, o traço cosmológico que auxilia-nos a compreender o impacto ético sobre este pensamento podemos nos apegar como auxílio à concepção de caos como modo de compreender a modulação deste pensamento que teria como função teórica evitar a humanização do projeto nietzschiano que desde os anos de 1880 indicava caminhos para efetivar sua transvalorização de todos os valores. Como aponta Heidegger ao interpretar passagens presente em *Gaia Ciência* como também nas anotações póstumas de Nietzsche¹³, “a representação da totalidade do mundo como 'caos' deve prover para Nietzsche a possibilidade de uma defesa contra a humanização do ente na totalidade. Humanização é tanto a explicação moral do mundo a partir da resolução de um criador quanto a explicação técnica co-pertinente da atividade de um grande artesão (demiurgo).” Mas também humanização também tem relação com o modo como o homem procura impor ordem ante ao caos. Heidegger também se posiciona sobre este último ponto ao observar que, “humanização também é toda imposição de ordem, articulação, beleza, sabedoria ao 'mundo'. Também tem lugar uma humanização quando atribuímos 'razão' ao ente e dizemos que ele ocorre racionalmente no mundo (...). Mas também quando estipulamos a irrazão como princípio do mundo tem lugar uma humanização. (...).¹⁴” Esta observação de Heidegger é de suma importância, pois vem reforçar esta interpretação ante aos registros nietzschianos presente nos fragmentos póstumos como esta observação que Nietzsche faz no ano de 1882 em seus cadernos: “razão é, mesmo no mais sábio, a exceção: caos e necessidade e rodopio dos astros – essa é a regra.¹⁵” Ou seja, é preciso compreender que o projeto nietzschiano sobre o conceito do eterno retorno visa que uma outra forma de condução do ser humano seja possível. Nesse sentido, se o homem ao passar pelo teste do eterno retorno sair transformado, certamente uma nova forma de lidar com a vida e, portanto, também com a

¹³ Cf. Com relação a esta questão, Heidegger utiliza-se especialmente do aforismo §109 de *Gaia Ciência* : ““O caráter conjunto do mundo é em toda eternidade caos.”

¹⁴ Cf. HEIDEGGER, M. 2007, p. 267.

¹⁵ Cf. NIETZSCHE, F. Novembro de 1882-fevereiro de 1882. 4 (5). In. KOTHE, 2002, p.108.

natureza seguirá, propiciando assim a retomada de uma efetiva nova relação homem-mundo que não deixa de ser também homem-natureza.

Neste sentido, a contribuição fundamental que podemos encontrar neste conceito filosófico relacionado ao eterno retorno para produzir a partir daí uma nova relação entre homem-mundo é a partir de uma nova disposição do homem em relação à vida. Certamente este ponto insere-se em uma perspectiva interdisciplinar na medida em que há aí um pensamento ecológico presente em Nietzsche que parte de uma filosofia voltada a favor da vida. Partindo deste pressuposto, podemos considerar que a proposta teórica nietzschiana sobre o eterno retorno nunca esteve dissociada do autor Nietzsche que buscou transformar teoria em uma nova atitude sobre a vida.

Se levarmos em conta que o principal pensamento nietzschiano sobre o eterno retorno levanta a problemática central sobre as influências do pensamento platônico na tradição, a molécula conceitual trazida pelo eterno retorno ao partir de uma cosmologia originada a partir da concepção do caos é uma crítica fundamental e radical ao determinismo científico característico das ciências modernas atuais. Neste sentido, o conceito fundamental nietzschiano pode se aproximar teoricamente das abordagens recente que procuram trabalhar a questão ecológica desde uma perspectiva ética, mas também sem desconsiderar as questões sociais presentes nesta problemática. Se por um lado no âmbito filosófico Nietzsche propõe um pensamento capaz de promover a concretização de um novo tipo de vida, por outro, as abordagens interdisciplinares que procuram tematizar a questão ecológica, procuram superar o paradigma cientificista para propor resoluções e possibilidades de transformação da sociedade e sua relação com o meio ambiente a partir de uma inserção interdisciplinar.

Dentro deste rol de discussões de inserção interdisciplinar, estudiosos da área de historia ambiental como Mike Davis¹⁶, Alfred Crosby¹⁷ em conjunto a autores da sociologia ambiental como Henrique Leff¹⁸ e John Hannigan, a questão principal presente dentro destes teóricos vêm no esforço de propor uma abordagem interdisciplinar sobre a temática sendo auxiliado por pesquisas das mais diversas matizes que levam a questionar o lugar que o homem ocupa sobre o mundo, lançando dúvidas sobre a segurança que o homem da modernidade possui em regular seu próprio desenvolvimento. Uma das contribuições mais significativas na área de história ambiental encontra-se o historiador Alfred Crosby que em seu livro *Imperialismo ecológico*, ao tratar sobre o chamado período da conquista hispânica sobre as Américas, levanta a hipótese que o sucesso desta empresa teria sido uma consequência de fatores múltiplos relacionados especialmente ao papel central que animais, ervas daninhas passaram a ocupar no conjunto de

¹⁶ Cf. Que produziu uma obra de referencia na area de história climática com o título *Ecologia do Medo*. 2001.

¹⁷ Cf. Que produziu uma obra de referência na área de história ambiental com o título *Imperialismo Ecológico*. 1993.

¹⁸ Cf. Estudioso na area relacionada ao saber ambiental. Que publicou vários livros, dentro os quais:

fatores que resultaria no êxito desta empresa. Ou seja: de modo implícito Crosby procura apontar para as deficiências do discurso auto-suficiente relativo ao sucesso da conquista hispânica nas Américas na medida em que o mundo natural serviu como subsidio e amparo para o êxito desta investida. Como vem ressaltar Alfred Crosby, o homem durante o processo da conquista, por “raras vezes foram *senhores das mudanças* biológicas que provaram nas Neo-Europas¹⁹”. Esta suspeita dentro de uma abordagem interdisciplinar significa apontar que ao homem não cabe estar no controle absoluto do processo evolutivo da história, sendo mais uma denuncia fundamental contra os postulados científicos que, tanto por meio das ciências naturais quanto da ciência histórica a desconfiança quanto ao projeto de evolutivo do homem representado pela ideia de modernidade amparado sob um paradigma científico e seguro do devir histórico. Acompanhando esta linha de abordagem que lança profundas suspeitas quanto ao projeto de desenvolvimento amparado pelo homem do ocidente, este diante da possibilidade ante a iminência de uma crise ecológica sem precedentes deve procurar meios para que seu projeto de desenvolvimento continue, mas tendo que lidar com a inconveniência da iminência de uma possível catástrofe climática. Por outro lado, poderíamos lançar suspeitas quanto aos projetos de desenvolvimento alternativo que talvez tendem a não deixar de lado as ambições antropocêntricas continuando a deixar de ver e considerar este *progresso* dentro uma totalidade natural organizada a partir de uma estrutura orgânica radicalmente diferente do projeto notadamente focado no bem estar único do homem. Certamente um planejamento sustentável que desconsidere abarcar uma visão da totalidade do mundo que envolve o meio habitat deste homem não pode ser sustentável na medida em que não lida com atenção as questões éticas e também sociais que envolvem a destruição da fauna e flora.

Para dirimir este ponto altamente complexo, a contribuição de certos ramos ligados a sociologia ambiental vêm com o intuito de atender questões urgentes que precisam fazer uso de um conhecimento aberto a multiplicidade epistemológica e, portanto, a interdisciplinaridade para abordar um problema que envolve ao mesmo tempo uma questão ética ligada ao meio ambiente (ou meio habitat) mas também uma questão ligada ao pensamento social contemporâneo que procura apontar o problema ambiental e ecológico também como um problema com impacto na esfera social. Neste sentido, teóricos como Henrique Leff voltado ao estudo sobre a epistemologia ambiental procura mostrar que a problemática do meio ambiente traz a necessidade de incorporar um saber ambiental. Porém, como uma problemática como esta está além das formas rígidas de compreensão e de formulação do real, faz-se mister um pensamento baseado na complexidade a partir de método alternativo que passe a levar em conta

¹⁹ Cf. CROSBY, 2001. p.173. Como bem lembra Crosby, as ervas ajudavam a preparar o solo e “a cicatrizar as feridas que os invasores abriam na terra. As plantas exóticas salvaram o solo recém-desnudado, protegendo-o contra a erosão pela água e pelo vento e contra o calor do sol. CROSBY, 2001, p. 154

as outras áreas do saber a fim de integrar neste novo saber uma reflexão mais aprofundada sobre a questão colocada atualmente. Pouco a pouco, a partir da emergência de um tipo de pensamento baseado na complexidade, a ecosofia surge como ferramenta conceitual que abra oportunidade para aprofundar a temática em questão. Esta ecosofia, ou seja, um estudo sobre ecologia a partir de uma concepção oriunda de uma determinada filosofia da natureza e uma ética ambiental dá condições para pensar a problemática relação milenar existente entre homem e meio ambiente desde um olhar ao mesmo tempo filosófico mas também sociológico. De certa forma, podemos conceber a problemática ambiental como um problema social na medida em que ultrapassa os limites do conjunto de saberes desenvolvidos até agora que força-nos pensar a questão desde perspectivas que vão da reflexão filosófica até um problema sociológico. Dentro deste novo paradigma, os saberes oriundos de suas seções isoladas por continuarem dentro de postulados deterministas tornam-se fundamentalmente insuficientes para pensar um fenômeno que torna urgente a interação de vários saberes já constituídos. Por isto, o saber ambiental que conhecemos também como sociologia ambiental pode ser

entendida como uma disciplina com um campo temático, conceitos e métodos de pesquisa próprios, capaz de abordar as relações de poder nas instituições, organizações, práticas, interesses e movimentos sociais que atravessam a questão ambiental e que afetam as formas de percepção, acesso, uso dos recursos naturais, assim como a qualidade de vida e os estilos de desenvolvimento das populações²⁰

Portanto, se a sociologia ou o saber ambiental está voltado a um estudo aprofundado da sociedade e sua relação com o meio ambiente e para precisa estar aberto a outros ramos do conhecimento, em que contribui a filosofia nietzschiana e especialmente a implicação ética do pensamento do eterno retorno para dar o nexo teórico necessário ao saber ambiental e, especialmente o problema central que sua tese levanta: a saber, a relação complexa e problemática entre homem e meio ou, sociedade e ecologia? Por um lado, o eterno retorno ao recorrer a um programa desumanizador da natureza parece querer deixar no mesmo plano homem e natureza. Mas por outro lado, o eterno retorno enquanto uma filosofia do martelo (*Hammer*), ou seja, uma filosofia que busca uma resposta rápida e autêntica do homem diante de uma crise como o que coloca o postulado do eterno retorno (- esta vida como você a vives aceitaria revivê-la novamente por infinitas vezes?) talvez levasse o homem a tomar uma posição diferente sobre questões ligadas a ecologia mas com uma implicação existencial particular na medida em que o desejo de querer o eterno retorno é uma aceitação e afirmação da

²⁰ Cf. LEFF, 1994, p. 18

grandeza da vida mesmo em sua existência singular e simplista. Certamente esta questão que passa de uma crítica as epistemologias deterministas vinculadas a academia platônica alcança seu ponto alto não exatamente em resoluções positivas no sentido de promover o progresso secular reforçando o paradigma moderno baseado na evolução técnica como princípio motriz da civilização.

Como observado em um artigo de importância publicado nos Cadernos Nietzsche da professora Calomeni, enquanto “crítica da Metafísica”, o eterno retorno tende a rejeitar “a linguagem habitual frequentemente entendida como o lugar de abrigo da verdade. O pensamento do *eterno retorno* representa mais um instrumento de recusa das categorias através das quais o homem ocidental pretende constituir o conhecimento.” Portanto, o eterno retorno “não por acaso, é proclamado como uma ‘intuição súbita’, um pensamento inesperado, não como objeto de uma rigorosa reflexão.” Para concluir; portanto, o eterno retorno pode ser delimitado “mais um sintoma da desconfiança [...] da linguagem como forma de expressão adequada da realidade; mais um sinal da crítica da verdade, da noção moderna de sujeito e da suposta objetividade da linguagem metafísico-científica; mais um indício da oposição estabelecida entre a interpretação metafísico-moral e a interpretação trágico-dionisíaca da existência²¹.” Neste sentido, o eterno retorno enquanto um conceito que tende a confrontar diretamente a linguagem formal-objetiva e concepção atual de subjetividade teria seu lugar na contribuição do assim chamado saber ambiental mais enquanto uma posição assumida por parte do pesquisador e interprete que se dedica na área interdisciplinar destes estudos do que certamente uma molécula teórica formal.

Mas, no entanto, o conceito enquanto uma crítica terminal a tradição e a academia oriunda da escola platônica não poderia neste caso dar lugar a um projeto positivo sobre a história e, portanto, visando à possibilidade de um novo começo de desenvolvimento humano distante da tradição metafísico-moral alicerçada na crença da verdade e na ética do ressentimento e da culpa? Levando em conta que a concepção do eterno retorno tem sua entrada no pensamento nietzschiano a partir de um surto intuitivo, o eterno retorno passa a ser uma crítica aos projetos positivos sobre a história, mas também uma forma de transformação da conduta humana marcada por uma ética cristã alicerçada sob o princípio da culpa e do ressentimento. Sendo assim, a implicação ética do eterno retorno na medida em que busca uma resposta autêntica do homem

²¹ Cf. Calomeni, T. C. B. p.98.

diante de uma situação limite que é saber se ele deseja viver eternamente a mesma vida também coloca outro ponto de vista sobre o problema ecológico que relaciona uma nova postura ética na relação do homem com a vida mas também do homem entre os homens; mostrando que uma convivência saudável e equilibrada poderia ser possível, mas esta possibilidade só encontraria terreno fértil em mundo radicalmente transformado, onde os valores até então dado a vida fossem possível ser transformados, possibilitando a partir daí o advento de uma nova vida como lembrou insistente Nietzsche em suas anotações presentes nos fragmentos póstumas e também em várias alusões nas passagens de *Assim falou Zaratustra*.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Martha, de. PARA ALÉM DA MORTE DE DEUS - *Kínesis*, Vol. I, n° 02, Outubro-2009, p. 222 – 231. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Artigo15.M.Ameida.pdf>

ANDREONI . Isacir Heleno Jr. As potências e o nada. - *Nilismo e pluralidade semântica em Friedrich Nietzsche*. Dissertação de mestrado. São Paulo – 2009. São Paulo/SP, 2008. Universidade estadual de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas. Depto. De Filosofia. Dissertação de tese como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em Filosofia. Orientadora. Prof^a Dr.^a Maria Lúcia M. O. Cacciola.

BARBOSA, Ildenilson Meireles. O pensamento do eterno retorno e da vontade de poder como superação das teleologias cristã e científica. Doutor em filosofia pela UFSCar e professor do departamento de filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

BECK, Ulrich, Giddens, Anthony. Lash, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna** Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash ;tradução de Magda Lopes.- São Paulo (SP): Ed. da UNESP, 1997. 264p.

BOTTON , Fernando B. - Richard Sennett. O Declínio do Homem Público: *as tiranias da intimidade*. Antíteses, vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010, pp. 623-633. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>

CANDIDO, Celso. Nietzsche e a desconstrução da modernidade. Artigo publicado originalmente no Segundo Caderno do jornal Zero Hora, por ocasião do centenário da morte de Nietzsche (2000).

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. RJ/Rio de Janeiro. 1ª edição brasileira: tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro, 1976. 1ª edição francesa. Nietzsche et la philosophie. Paris, Presses Universitaires de France, 1962.

DIAS, Rosa Maria. A euforia de Nietzsche em Turim - *o que nos faz pensar nº18, setembro de 2004. Disponível em:* <http://www.pgfil.uerj.br/publi/dias/turim.pdf>

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Nietzsche: *esquecimento como atividade* cadernos Nietzsche 7, p. 27-40, 1999 - Texto originariamente apresentado no Encontro Nacional da ANPOF, realizado em Caxambu-MG, em setembro de 1998. *Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Disponível em: http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_07_02.pdf

FIANCO, Francisco. Eterno Retorno e Vontade de Poder: *Metafísica ou Metapsicologia?* Prof. Dr. – Estética e Filosofia da Arte – FAFICH – UFMG Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 1º semestre 2010 – Vol.3 – nº1 – pp. 71-89 71 Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – Vol.3 – nº1

GALVAO, João C. Vontade de Potência politizada ou do Eterno Retorno político. In. Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche – 1º semestre 2008 – Vol.1 – nº1 – pp. 50-61

GERHARDT, V. *Da vontade de Poder. Para a gênese e interpretação da filosofia do poder em Nietzsche.* In. Cem anos após o projeto 'Vontade de Poder-Transmutação de todos os valores'. Org. Antonio Marques. Ed. Vega. *docente vinculado ao departamento de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa.

GOMES, Ana Beatriz Antunes. Tempo e vida em Bergson. RJ/Rio de Janeiro, 2009. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

GONÇALVES, Victor. Anotações sobre o Eterno Retorno: *Para além do cristianismo.* In. Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche – 1º semestre de 2009 – Vol.2 – nº1 – pp.38-48 38

HAAR, Michel. Vida e totalidade natural cadernos Nietzsche 5, p. 13-37, 1998. Professor da Universidade de Paris I – Panthéon – Sorbonne.. Publicado, em outra versão, em *Nietzsche et la Métaphysique.* Paris: Gallimard, 1993. Tradução de Alberto Marcos Onate. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_05_02.pdf

HEIDEGGER, Martin. Nietzsche I.; tradução de Marco Antonio Casanova. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. vol I.

HEIDEGGER, Martin. Nietzsche II.; tradução de Marco Antonio Casanova. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. vol II.

HOBBSAWM, Eric. A Era dos Impérios. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo – SP Ed. Paz e Terra ISBN 978-85-7753-101-1. 443pp.

HORKHEIMER, Max. *Origens da filosofia burguesa da história*. Editorial Presença. 1970.108 pp.108.

JULIÃO, José Nicolao. *O ensinamento da Superação em 'Assim Falou Zaratustra*. Tese de doutorado apresentado como pré-requisito para obtenção de título de Doutor em Filosofia. Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Filosofia e ciências humanas da . Dr. Oswaldo Giacóia Júnior.

KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Prefácio José Thomaz, Brum; tradução Hortência S. Lencastre. – Rio de Janeiro: Pazulin, 2000. 304pp.; ISBN 85-86816-05-6

KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 37-38. In. *Ibidem*, pg.

LAGES, Lucas Nogueira R. M. V, 2010. *O DEMÔNIO DE NIETZSCHE: niilismo, eterno retorno e ética do cuidado de si*. 2010

LOBOSQUE, A. M. *A vontade livre em Nietzsche*. 2010. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e ciências humanas. 306. Orientador: Oswaldo Giacóia Junior. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/BUBD-89LKLY/1/tese_cd_3.pdf

MACHADO, Roberto. 1942-. *Zaratustra, tragédia nietzscheana/* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. ISBN 85 -7110-400-X. 145pp.

MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. ISBN: 978-85-7041-826-5 288pp.

MARTTON, S. **A obra feita e a obra por fazer: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. Tese para Livre docência da Universidade de São Paulo (USP).

MATOS, Fernando Costa. *Nietzsche e o primado da prática. Um espírito livre em guerra contra o dogmatismo*. Agosto de 2007. São Paulo/SP, 2008. Universidade estadual de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas. Depto. De Filosofia. Dissertação de tese como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em Filosofia. Orientadora. Profª Dr.ª Maria Lúcia M. O. Cacciola.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Nietzsche: civilização e cultura /* São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (coleção tópicos). ISBN 85-336-2087-X

NABAIS, N*. *O papel da ideia do eterno retorno na gênese do projeto de transmutação de todos os valores*. In. Cem anos após o projeto 'Vontade de Poder-Transmutação de todos os valores'. Org. Antonio Marques. Ed. Vega. *docente vinculado ao departamento de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa.

NIETZSCHE, F., *Obras Incompletas*, tradução: Rubens Rodrigues Torres – São Paulo – SP, 1996. Ed. Nova Cultural ISBN 85-351-0772-X

_____, 2009. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Porto Alegre, RS. Ed. L&M. Trad. Paulo César de Souza. 978-85-302-0897-3

_____, 2008. O anticristo: a maldição do cristianismo, L&M, Trad, notas e apresentação de Renato Zwick. 128p. ISBN 978-85-254-1791-6

_____, 2009. Ecce homo: de como a gente se tornou o que a gente é. L&M, Trad., organização e notas de Marcelo Backes. 192 p. ISBN 978-85-254-1249-2

_____, 2004. Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais, Companhia das Letras São Paulo/SP. Trad. notas e posfácio Paulo César de Souza. ISBN 85-359-0478-6

_____, 2005. Assim falou Zaratustra. São Paulo – SP. Ed. Martins Claret Ltda. Trad., Alex Marins. ISBN 85 – 336-0299-6

_____, 2007. O nascimento da tragédia. São Paulo – SP. Companhia das Letras. Trad., notas e posfácio. J. Guinsburg - ISBN 978– 359-0965-4336-2096-9

_____, 2005. Sabedoria para Depois de Amanhã. São Paulo – SP. Ed. Martins Fontes Ltda. Trad., Karina Janini. ISBN 85 – 336-2096-9

_____, 2002. Genealogia da moral. São Paulo – SP. Ed. Centauro. Trad., Joaquim José de Faria. ISBN 978 -85-88208-33-9

_____, 2008. Humano, demasiado humano – *um livro para espíritos livres*. São Paulo – SP. Ed. Companhia das Letras. Trad., notas e posfácio. César Souza. ISBN 978-85-359-0762-9

_____, 2001. Gaia Ciência. São Paulo – SP. Ed. Companhia das Letras Trad., César Souza. ISBN 85-359-0147-7

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A filosofia na crise da modernidade. São Paulo/SP. Ed. Loyala. 1990. ISBN. 85-15-00048-2, 195 pp.

KAHMEYERr-MERTENS, R. S. Sobre a sentença de Nietzsche “O super-homem é o sentido da terra”. Doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Professor dos cursos de Direito, Serviço Social e Educação do Centro Universitário Plínio Leite/UNIPLI. Autor de *Filosofia Primeira – Estudos sobre Heidegger e outros autores*. Disponível em: <http://saladeestudos.com/material/nietzsche.pdf>

RUBIRA, Luís E. Xavier. NIETZSCHE: *do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. São Paulo/SP, 2008. Universidade estadual de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas. Depto. De Filosofia. Dissertação de tese como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em Filosofia. Prof.a Dr.a Scarlett Zerbetto Marton. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-29102009-160946/pt-br.php>

SALVIANO, Jarlee O. Labirintos do nada: A crítica de Nietzsche ao niilismo de Schopenhauer. São Paulo/SP, 2008. Universidade estadual de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas. Depto. De Filosofia.

SENNET, Richard. O declínio do homem público: *as tiranias da intimidade* / Richard Sennett ; tradução: Lygia Araujo Watanabe São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

SILVA, 2009.

SOBRINHO, Carlos. A NIETZSCHE, a lição schopenhauer e o eterno retorno. In. impulso nº 28 . Bacharel em Letras. Mestre e doutorando em Educação pela PUC – RJ . Técnico em Assuntos Educacionais do MEC

SOCHODOLAK, Hélio. 2008

STEGMAIER, Werner. NIETZSCHE COMO DESTINO DA FILOSOFIA E DA HUMANIDADE? *interpretação contextual do § 1 do capítulo "por que sou um destino", DE ECCE HOMO*. In. Trans/Form/Ação, Marília, v.34, n.1, p.173-206, 2011. Tradução: João Paulo Simões Vilas Bôas3 *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2009 – nº4 – pp.61-79* ISSN: 1982-5870 61

TARTAS, Victor. A noção de ciência de Nietzsche em '*Humano, demasiado humano*': *os primeiros passos na genealogia*. Dissertação como pré-requisito para a obtenção do título de mestre. Florianópolis/SC, 2007. Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC). Centro de Filosofia e Ciências humanas.

TASSINARI, Alberto. Einstein e a modernidade. In. NOVOS ESTUDOS 75 JULHO 2006 Este artigo é a versão modificada de uma conferência proferida em 1º de setembro de 2005 no Seminário Einstein para Além de seu Tempo, organizado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

TOTARO, Paolo. *Misticismo do cálculo e a ascese consumista – razão e fé no "crer sem pertencer" e no neopentecostalismo*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(1): 81-100, 2010. Disponível em: http://www.usp.br/prolam/ABNT_2011.pdf

TUNES, Suzel Magalhães. O cristianismo não religioso em Bonhoeffer e Vattimo* (*Non-religious Christianity in Bonhoeffer and Vattimo*) Suzel Magalhães Tunes* *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.157-168, jun. 2008

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1990. 145 pp.